

capitalismo, socialismo e subdesenvolvimento

A transformação do regime cubano em República Socialista e a adoção por técnicos das Nações Unidas, na reunião do fim do ano passado no México, de tese corrente nos meios intelectuais burgueses da Europa, segundo a qual o socialismo só é indicado para países subdesenvolvidos, e inaplicável àqueles que ostentam já certo grau de desenvolvimento, tornam oportuna a publicação deste trabalho.

Nosso objetivo aqui é o de dar um balanço da situação econômica em que se encontram os blocos socialista e capitalista e aferir as consequências que dela resultam para os países subdesenvolvidos, em particular a América Latina. Na reportagem de hoje, analisaremos especificamente a evolução dos acontecimentos que configuraram o quadro atual, para, em outra oportunidade, ocuparmo-nos das perspectivas que ele apresenta.

reportagem de Rui Mauro Marini

de bandung a havana

A Conferência de Paris, em 1947, o golpe de Praga, em fevereiro de 1948, a vitória dos comunistas chineses configuraram os dois blocos antagônicos, que se vinham formando desde 1945, e fixaram o equilíbrio das relações internacionais num clima de guerra fria. A conferência de Bandung, em 1955, que reuniu os países subdesenvolvidos da África e da Ásia, veio abrir uma brecha nesse edifício. Afirmando o princípio da neutralidade entre o Leste e o Oeste, esses países introduziram um elemento novo no esquema político internacional, abrindo-lhe perspectivas mais amplas.

Cinco anos após Bandung, os resultados são apreciáveis. O movimento de renovação no Egito e no Oriente Médio, a conquista da independência política pelos países africanos e, agora, o caráter socialista assumido pela revolução cubana demonstram que nos encontramos em fase de franca mudança, que a descolonização econômica e política progride e que as relações internacionais, ora convulsionadas com os acontecimentos do Laos, do Congo e de Cuba, deverão fixar-se em novo plano de equilíbrio.

Uma análise da posição ocupada, atualmente, pelos dois grandes blocos econômicos, ocidental e soviético, apresenta, pois, grande interesse. E na medida em que formos capazes de aquilatar suas possibilidades — pela análise de sua evolução recente e de suas tendências nos próximos vinte anos — que poderemos antecipar quanto à situação que virão a desfrutar no esquema de relações atualmente em gestação. É certo que faltará a essa análise a apreciação dos fatores políticos e sociais. Mas não há, por outro lado, dúvida de que as perspectivas dos dois blocos serão determinadas em larga escala, por suas possibilidades econômicas.

a questão demográfica

Isto posto, como se apresenta a situação? O primeiro aspecto a ser examinado diz respeito, evidentemente, ao fator demográfico. Neste particular, a superioridade do bloco soviético sobre o bloco ocidental é indiscutível, principalmente devido à China, cuja população (que era de 621 milhões de habitantes em 1956) crescendo ao ritmo de 2% ao ano, ultrapassará, em 1980, a casa de um bilhão.

Mesmo sem ela, entretanto, os países socialistas estariam bem colocados. Assim, no que concerne à Rússia, sua população, que já é superior à dos Estados Unidos (200 milhões contra 170 milhões em 1957), totalizará, em 1980, 280 milhões, se avançando, portanto, de 40 milhões em relação aos Estados Unidos e de 100 milhões em relação aos países que compõem o Mercado Comum Europeu.

Resta saber em que medida se encontra al um

elemento favorável ou desfavorável às economias socialistas. Para muitos, no momento atual, a China jogou por terra os velhos mitos malthusianos segundo os quais os acréscimos de população deveriam ser sempre objeto de desconfiança. Lançando mão da prática dos grandes trabalhos e realizando investimentos que exigem baixa produtividade de mão-de-obra, os chineses deram a impressão de haver resolvido o problema da população, sem dúvida o mais grave que tinham a enfrentar. A política demográfica chinesa, entretanto, dos últimos anos, que tende a fazer cair a taxa de natalidade (de 2,2 a 2,3 atualmente) para 2,0, parece desmentir essa primeira impressão e, se não ressuscitar a teoria malthusiana, pelo menos modificar seriamente a orientação marxista sobre o problema.

Por outro lado, o aperfeiçoamento das técnicas de produção, sobretudo o advento da automação e do emprego em larga escala da energia atômica para fins pacíficos, tudo isso tenderá a reduzir a importância quantitativa do trabalho humano no processo econômico. Em tal hipótese, os aumentos consideráveis de população se constituirão mais em uma carga do que em um benefício para os países em que se verificarem.

Tais conjecturas, porém, só adquirem sentido se confrontadas com a capacidade de produção dos países em causa. Ora, sob esse aspecto, as economias socialistas são favoráveis pelo fato de se tratar de economias planejadas, nas quais o fluxo de consumo é ajustado por antecipação ao de produção. Quais são então suas capacidades reais no que se refere ao fluxo de produção? Que previsões se podem fazer a respeito? Como se colocam essas economias em relação aos países capitalistas?

falam os números

Reencontramos aqui o dilema planificação versus liberalismo, ultrapassado na teoria, mas não nos fatos. Efetivamente, a generalidade dos países de economia liberal adotou a idéia de plano, quer de maneira global, quer para setores determinados da atividade econômica. Trata-se, entretanto, de programas flexíveis, de metas indicativas, que não correspondem exatamente — e nem poderia ser de outra maneira, dado o diferente regime de propriedade sobre que repousam — aos planos das economias socialistas.

Isso talvez explique a maior eficiência de que têm dado provas estas últimas no que diz respeito à questão econômica, eficiência essa atestada pelo ritmo de progresso que ostentam. Tomemos, por exemplo, o crescimento da produção industrial soviética, no período 1929/1951, e comparemo-lo com o dos principais países capitalistas. Temos que, enquanto em 1939 (1929 = 100) a produção industrial soviética passou a 552, em 1949 a 870 e em 1953 a 1515, a produção industrial norte-americana apresenta para os mesmos anos os seguintes índices: 123, 144 e 166; e a da França: 80, 92 e 108. Nas democracias populares da Europa Oriental, a produção industrial aumentou, em 1951, em rela-

ção às médias verificadas antes da guerra, de 190% na Polónia, 70% na Tcheco-Eslováquia, 150% na Hungria, 90% na România, 360% na Bulgária e de mais de 400% na Albânia. A Alemanha Oriental, por outro lado, que se encontrava economicamente arrasada ao findar a guerra, ultrapassou em 1951, sua produção industrial fora superior de 190% à de 1946.

Ainda com relação à Europa Oriental, constatamos que, enquanto em 1948 ela participava da produção industrial européia com apenas 14,5%, no terceiro semestre de 1951 sua parte passou a 21,5%. Dado o ritmo de progresso que a vem caracterizando, admite-se atualmente que o volume de sua produção industrial será, em 1984, equivalente ao de toda a produção da Europa Ocidental.

O milagre chinês, revelado espetacularmente ao mundo com o «salto para a frente» de 1958, constitui um dos temas mais apaixonantes da atualidade. Cremos não ser necessário insistir nesse ponto, e limitar-nos-emos apenas a citar algumas cifras que ilustram bem o fenômeno. Assim, no que se refere aos setores-chaves da economia, verificamos que, no período de 1953 a 1957, enquanto os Estados Unidos aumentaram sua produção de aço a uma taxa de 3,9% a Inglaterra, de 5,7% e o Japão de 12,3%, a produção chinesa cresceu ao ritmo de 31,7%. Ainda com referência ao aço, vemos que o Japão, que produzia 5,8 milhões de toneladas em 1937, passou a produzir 3,12 em 1949 e 12,6 em 1957; enquanto a China, que produzia 0,9 milhões em 1937, passou a 0,5 em 1949; a 5,9 em 1957; para atingir a cifra considerável de 10,7 no ano seguinte. Finalmente, tomando como base o ano de 1957, constatamos que, em 1953, sua produção de carvão apresentou o índice 158,4; de eletricidade, o de 138,5; e de petróleo, o de 145,8.

A eficiência da planificação socialista constitui, assim, ponto incontroverso, e tudo o que os economistas burgueses ousam fazer é desviar o debate para outro terreno o dos valores sociais e morais. Na realidade, como teremos ainda ocasião de ver, tais valores se reduzem em última análise ao princípio da apropriação privada do produto social — base em que repousa toda a estrutura capitalista — princípio que constitui, de fato, obstáculo intransponível para a planificação socialista.

prontidão

● Os acadêmicos da Faculdade de Direito de Goiás escolheram o presidente Jânio Quadros para paranimfar a turma de 1961. Por outro lado, os estudantes de Medicina da Universidade da Paraíba escolheram o premier Kruschew como paranimfo.

● O poema «Ode a Cuba», de Moniz Bandeira, publicado por nós há algum tempo, foi lido no dia 1º de maio, pelas rádios de Cuba. Além disso, será publicado pela Editora Verminal.

● O baile dos calouros da Faculdade Nacional de Medicina será no dia 13 de maio, no Clube Monte Líbano, com a orquestra de Steve Bernard. Convites e reservas de mesa no saguão da escola ou pelo telefone 26-4220.

● Viajou para Manaus José Matusalem Comelli, vice-presidente para Assuntos Educacionais da UNE, que visitará Estados do norte e nordeste, preparando o I Seminário de Reforma Universitária.